

IRACEMA DO SÉCULO XX

O ano de 1998 foi um momento intenso para o compositor brasileiro Chico Buarque pois foi homenageado no Carnaval pela escola de samba Mangueira, que aliás ganhou o concurso daquele ano.

O disco *As Cidades* data também desse momento e, apesar da falsa unidade do título, propõe assuntos bastante diferentes : uma homenagem à cidade do Rio de Janeiro ("Carioca"), uma outra à escola de samba Mangueira ("Chão de Esmeraldas"), uma canção de amor ("Cecília") e uma outra abordando um tema pouco usual na temática do autor : a emigração dos brasileiros. Trata-se de "Iracema voou".

"Iracema voou para a América
Leva roupa de lã e anda lépida
Vê um filme de quando em vez
Não domina o idioma inglês
Lava chão numa casa de chá
Tem saído ao luar com um mímico
Ambiciona estudar canto lírico
Não dá mole pra polícia
Se puder, vai ficando por lá
Tem saudade do Ceará, mas não muita
Uns dias, afoita, me liga a cobrar
— É Iracema da América."

Bastante curta, essa canção dura somente o tempo de um telefonema a cobrar em que Iracema, a personagem principal, conta rapidamente as novidades para um amigo. Fica-se então sabendo que ela é natural do estado do Ceará e que se encontra nos Estados-Unidos. Emigrou clandestinamente e por isso passa o tempo a evitar a polícia. Seu trabalho, provavelmente clandestino também, consiste em lavar o chão de um salão de chá. Em resumo, o destino de Iracema é como o de milhares de brasileiros que, como mariposas, deixam o Brasil para irem buscar as luzes da civilização dos vizinhos do Norte.

Por outro lado, essa canção faz referência a um dos romances mais importantes do Romantismo brasileiro, o livro *Iracema*, de José de Alencar, escrito em 1865. Originário também do Ceará, esse autor iniciou o indianismo nas letras brasileiras, propondo pela primeira vez uma índia como heroína de um romance.

No século XVI, a jovem Iracema, da tribo dos Tabajaras, vivia tranquilamente no seu meio natural quando encontra um homem branco, Martim, com quem vai viver um idílio na melhor tradição romântica. Desse encontro vai nascer um filho, Moacir, o primeiro brasileiro. Trata-se do mito do "bom selvagem" que vive nas florestas, em comunhão total com a natureza, mito bastante prezado nesses meados do século XIX. A descrição idealizada de Iracema é célebre nas letras brasileiras : "a virgem dos lábios de mel que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna". Por outro lado, trata-se também da narrativa poética do primeiro encontro entre um homem branco e uma índia, ou seja, do mito do nascimento do Brasil.

A personagem principal da canção tem não somente o mesmo nome que a heroína do romance de Alencar, como também as mesmas origens, pois ambas vêm do estado nordestino do Ceará. Por outro lado, se no romance a natureza é bastante valorizada, ocupando grande parte das descrições apresentadas, na canção de Chico Buarque ela se reduz ao mínimo, limitando-se somente ao luar.

A questão da língua é de igual importância. No romance romântico os vocábulos tupi-guarani são numerosos, impondo de certa forma a cultura da índia face à cultura do branco europeu. Em "Iracema voou", como a brasileira "não domina o idioma inglês", ela se encontra numa posição de inferioridade lingüística. Como conseqüência disso, "ela sai com um mímico", ou seja, o namorado só pode se comunicar com ela através de gestos. Finalmente, a vida dessa nova Iracema é muito menos grandiosa : faxineira em país estrangeiro, sem saber falar a língua local e sendo obrigada a fugir sem parar da polícia. Mas, apesar de tudo, Iracema prefere ficar nos Estados Unidos e o fato de querer aprender canto lírico reforça esse seu desejo de integração. Ela também não hesita em afirmar que a saudade que bate do país natal é pouca, o que permite situar a problemática da canção bem longe da pungente "Canção do Exílio" em que o poeta Gonçalves Dias, outro autor romântico, declinou a tristeza causada por estar afastado do país natal :

"Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá
As aves que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá" (...)

A canção de Chico Buarque encerra-se com um verso que na verdade deveria estar no início : a frase em que Iracema se apresenta no telefone, pronunciando o próprio nome. E justamente, há nessa canção algo sobre a identidade : a heroína está construindo uma nova personalidade. Ela deseja se diluir completamente no novo país que escolheu, abandonar sua cultura e adotar uma outra, esquecer tudo o que foi e começar vida nova. Iracema quer até mesmo se tornar esse próprio país, país altaneiro que para se nomear, tomou posse do nome do continente. E essa relação especular tão alienadora é colocada através dos dois nomes próprios da canção : "Iracema" é o anagrama de "América".

Cristina DUARTE, Université de Toulouse-Le Mirail